Produção e Recepção de Texto I

Leda Corrêa
Luiz Eduardo Oliveira

São Cristóvão/SE
2007

Sumário

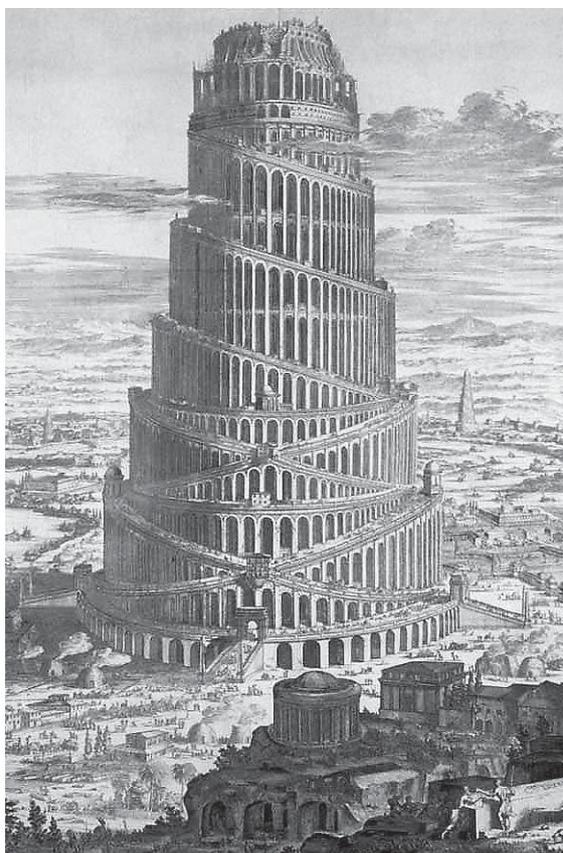
Aula
1

LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

META
Apresentar linguagem como forma de ação e interação social;
apresentar o texto como objeto de comunicação.

OBJETIVOS
Ao final desta aula o aluno deverá ser capaz de:
relacionar e comparar os diferentes esquemas comunicativos, mediante conceitos de linguagem;
distinguir ação e ato de fala;
e reconhecer o texto como objeto de comunicação.

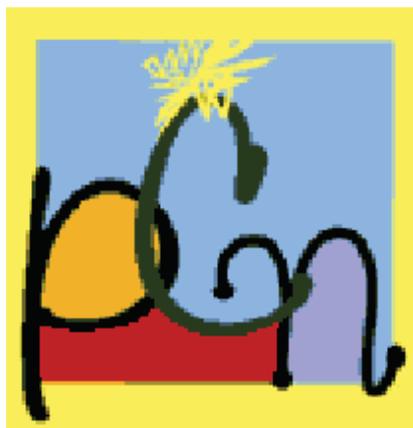
PRÉ-REQUISITO
Conhecimentos prévios sobre linguagem e comunicação aprendidos na Educação Básica.

(Fonte: http://www.tei-c.org).

INTRODUÇÃO

Caro (a) aluno (a). Bem-vindo (a) ao Curso de Letras Vernáculas da Universidade Federal de Sergipe. Esta disciplina que agora se inicia é de fundamental importância na sua vida pessoal e acadêmica, pois vai servir de suporte para o melhor desempenho de sua profissão depois de formado (a). Antes, porém, de começarmos nossa trajetória, pontuada pelos conteúdos que serão discutidos no decorrer deste período letivo, faz-se necessária uma breve introdução a respeito do lugar que a Produção e Recepção de Texto ocupa hoje no currículo do nosso curso.

A disciplina Produção e Recepção de Texto I figurava, anteriormente, no currículo de Letras, não só com nomenclatura diversa – "Expressão Escrita" –, mas também como um estatuto complementar à matéria de ensino Língua Portuguesa, desempenhando, assim, um papel coadjuvante na formação das habilidades básicas do futuro professor de Português. Com o desenvolvimento, nas últimas décadas, das ciências da linguagem, especialmente do campo da Análise do Discurso, sobre o qual trataremos mais adiante, a produção e a recepção textual passaram a desempenhar uma função preponderante, transcendendo os limites do currículo de Letras para estabelecer-se como "unidade básica de ensino" nos atuais Parâmetros Curriculares Nacionais para a Educação Básica.

Você, como futuro professor de Português, deve saber que, no Ensino Fundamental, a Língua Portuguesa é a disciplina responsável pelo rito de passagem que vai da alfabetização ao letramento, pois capacita seus alunos à leitura do mundo, colocando-se também no centro da discussão acerca de um dos principais problemas da educação no país: a falta de competência em relação à leitura e à escrita (Brasil, 1998a).

(Fonte: http://geociencias.terapad.com).

O Ensino Médio, por sua vez, continua o processo de desenvolvimento da capacidade de aprender, enfatizando ainda mais "o uso das linguagens como meios de constituição dos conhecimentos, da compreensão e da formação de atitudes e valores" (Brasil, 1998b). Desse modo, sua organização curricular deve reconhecer as linguagens como formas de constituição de identidades, dada sua natureza interdisciplinar em relação às outras áreas – Ciências da Natureza, Matemática e Ciências Humanas.

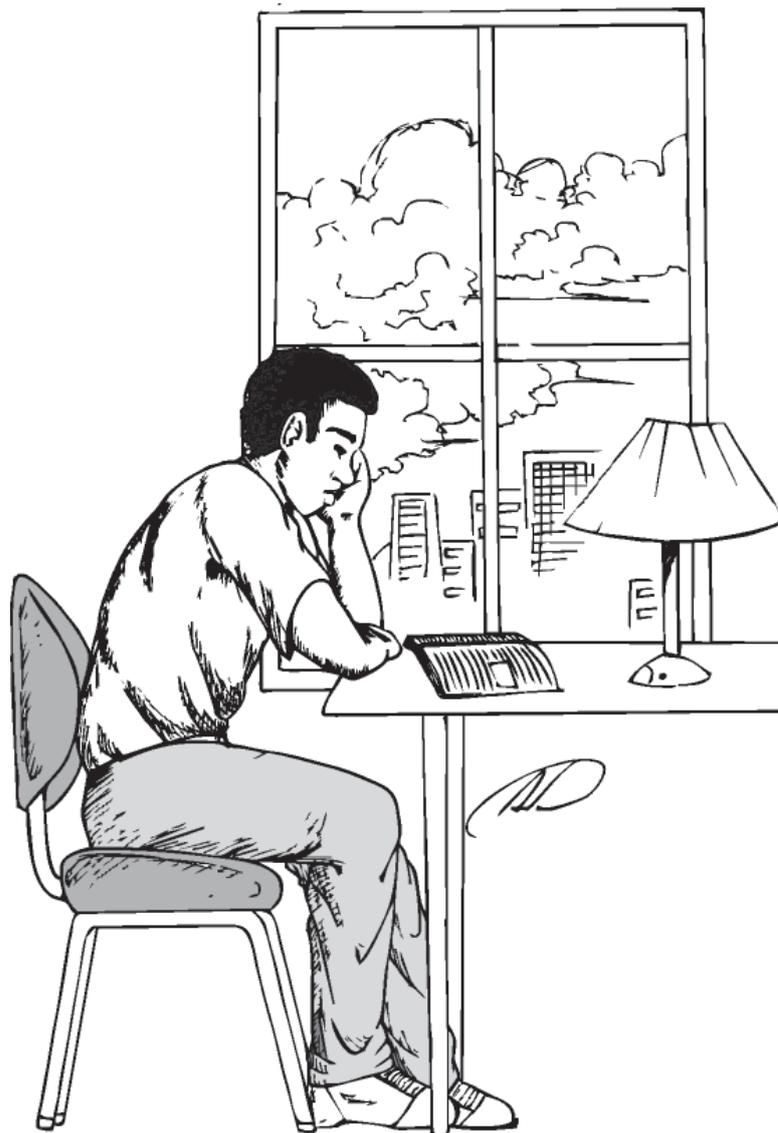
Nesse sentido, você deve ser considerado (a) como produtor (a) de textos, aquele (a) que pode ser entendido (a) pelos textos que produz e que o (a) constituem como ser humano. Tal visão enfatiza a natureza interativa da linguagem, em contraposição às concepções tradicionais, deslocadas do uso social. O trabalho do professor, nesse caso, vai se concentrar no desenvolvimento e sistematização da linguagem interiorizada pelo (a) aluno (a), incentivando sua verbalização.

Essa mudança de perspectiva não deixa de trazer implicações polêmicas, pois os conteúdos tradicionais do ensino das línguas – nomenclatura gramatical e história da literatura – são deslocados para um segundo plano: "o estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área de leitura" (Brasil, 2002).

Uma dessas polêmicas diz respeito ao lugar da gramática na Educação Básica. Relacionada não só ao desenvolvimento das idéias lingüísticas, mas também às práticas escolares que a condicionam e dão sustentação, a gramática, como sabemos, é quase um sinônimo do ensino de línguas, pois oferece o instrumental teórico e operacional necessário para uma exposição sistematizada, formatando exercícios e modos de avaliação do desempenho dos alunos. O desafio que nos é posto agora se coloca em termos de conciliação, ou de harmonização, dos usos da linguagem expressos em textos diversos, com a abordagem formal e desvinculada do uso efetivo da língua, para cujo domínio têm concorrido com vantagem os métodos gramaticais.

De qualquer forma, a compreensão/interpretação/produção de textos prepondera em todos os ciclos da Educação Básica, seja nas séries iniciais do Ensino Fundamental, seja nas etapas finais do Ensino Médio, momento em que a Redação será o principal requisito para que os alunos tenham acesso à Educação Superior, como você teve a oportunidade de vivenciar ao fazer o vestibular.

No currículo de Letras, a Produção e Recepção de Texto, de disciplina complementar à matéria de ensino Língua Portuguesa, tradicionalmente circunscrita à nomenclatura gramatical e à teoria das partes do discurso, passou a constituir o seu núcleo, sua própria razão de ser, pois a leitura do mundo tornou-se algo imprescindível para sua compreensão, ampliando-se tal capacidade com a criação contínua de linguagens e a possibilidade crescente de socializá-las.

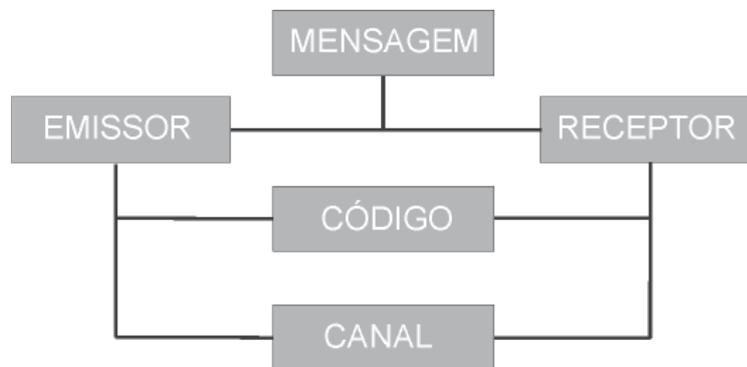
Se, além de professores devidamente proficientes no domínio da língua e nos métodos didático-pedagógicos para seu ensino, pretendemos formar cidadãos críticos e identidades afirmativas capazes de reconhecer e respeitar as diferenças e modos outros de viver em sociedade; se o professor de Língua Portuguesa desempenha hoje um papel quase hegemônico na Educação Básica, dado o seu lugar de mediador ou agente facilitador no processo de formação de identidades, o profissional das Letras deve ser visto, antes de tudo, como um especialista em textos, e a disciplina Produção e Recepção de Texto I deve ocupar um lugar central no currículo de Letras.

LINGUAGEM E COMUNICAÇÃO

Neste item da aula, discutiremos a definição de linguagem como instrumento de comunicação e suas implicações nos processos comunicativos.

Essa definição nos revela que a linguagem não é constitutiva do homem, mas está fora dele, já que é um instrumento do qual nos valemos quando comunicamos algo a alguém. Assim, a comunicação se restringe à mera transmissão ou troca de informação, sem a participação ativa do sujeito, visto que seu papel se limita a codificar e a transmitir mensagens para que um outro as decodifique.

Roman Jakobson

(11/10/1896 - 18/07/1982). Pensador russo que se tornou um dos maiores lingüistas do século XX e pioneiro da análise estrutural da linguagem, poesia e arte.

Você já deve ter estudado, nas aulas de Língua Portuguesa da Educação Básica, o esquema comunicativo de **Roman Jackobson**, utilizado como suporte para o estudo das funções da linguagem. Para que possamos relembrá-lo, observe o esquema abaixo:

Decodificar, portanto, implica um conhecimento do código para que se reconheça a mensagem veiculada. Por exemplo, se codificarmos uma mensagem em japonês a um público que não conhece essa língua, não haverá comunicação.

A incomunicabilidade parcial ou total também pode se dar quando o emissor ou o receptor se deparam com problemas advindos do canal. Por exemplo, se o canal utilizado for o telefone e ele apresentar ruídos ou chiados, a comunicação será parcial ou totalmente prejudicada.

Para finalizarmos esse tópico, é necessário que consideremos as limitações do conceito de linguagem como instrumento de comunicação, pois, como já foi dito, essa definição reduz a comunica ção e seus participantes também são redizidos a peças ou instrumentos de um mecanismo ideal, isto é, fora do uso real da linguagem em contextos sociais. Podemos imaginar que, se o processo comunicativo assim ocorresse, não haveria lugar, por exemplo, para diferentes interpretações de um mesmo texto.

A LINGUAGEM COMO FORMA DE AÇÃO SOCIAL

Como você pôde notar na seção anterior da aula, o esquema comunicativo que lhe foi apresentado torna-se insuficiente quando buscamos tratar dos processos de construção de sentidos pelo uso da linguagem. Do mesmo modo, definir a linguagem como instrumento de comunicação implica negar que ela é uma das faculdades da inteligência humana. Assim, para que possamos compreendê-la sob um outro enfoque, isto é, como forma de ação social, é preciso que caminhemos um pouco mais além. Vamos, então, entender primeiramente o que é ação.

Toda ação implica movimento, isto é, mudança do estado de algo no mundo. Há uma diferença básica entre fazer e agir: o primeiro é destituído de intenção, o segundo se explica por um fazer associado a uma intenção. Assim, temos:

AÇÃO = FAZER + INTENÇÃO

O uso da linguagem implica sempre a existência de duas ou mais pessoas, daí o caráter social dessa ação. Os participantes são dotados de intencionalidade e pela palavra buscam modificar a ação do outro num processo contínuo que designamos interação.

Émile Benveniste

Linguista francês (1902/1976), especialista em gramática comparada das línguas indo-européias. Foi aluno de Antoine Meilett e ensinou na École Pratique des Hautes Études (1927) e no Collège de France (1937).

Sob essa definição de linguagem, a comunicação se constrói na interação de dois ou mais sujeitos. Com isso, ela deixa de ser um simples mecanismo pelo qual transmitimos uma mensagem para se tornar espaço de significação e, por conseguinte, de transformação dos sentidos do mundo devido à intencionalidade dos sujeitos do processo interacional.

Outro aspecto importante é que o homem só se constitui como indivíduo pela ação do outro, isto é, só conseguimos nos constituir como "eu" pela ação do "tu". Leia o que diz o lingüista **Émile Benveniste** sobre essa importante questão:

> Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem e a linguagem ensina a própria definição do homem (BENEVISTE, 1995, p. 285).

Assim, podemos entender que o homem constrói a sua subjetividade pela linguagem em situações de comunicação. Essa condição de diálogo eu-tu é constitutiva da pessoa, pois implica reciprocidade, isto é, exige que eu se torne tu na alocução daquele que por sua vez se designa eu.

Interessante observarmos que a classe dos pronomes pessoais aponta para a existência da individualidade, mas por si só não possibilita identificar quem é o sujeito real da ação, pois, para que isso ocorra, faz-se necessário

conhecer a situação comunicativa em que o sujeito age. Por exemplo, numa frase descontextualizada, como Eu não quebrei o vaso de cristal, não há como identificar ou reconhecer a pessoa que está ocupando a posição de sujeito. Em termos sintáticos, essa frase apresenta apenas um sujeito gramatical (eu), mas não identifica a pessoa que fala. Se, por outro lado, essa frase for inserida num dado contexto comunicativo, isto é, como resposta de um filho a uma mãe nervosa que o indaga sobre a autoria da ação de quebrar o vaso de cristal, então já se torna possível identificar a presença de um sujeito real da ação. Nesse caso, a frase passa a ser enunciado, isto é, produto de uma ação comunicativa entre mãe e filho. Logo, enunciado é a frase realizada numa dada situação comunicativa. Por essa razão, ela não pertence mais ao domínio da gramática.

Émile Benveniste (1985) propõe que todo enunciado é produto da enunciação, definindo-a como a apropriação que o sujeito faz da língua num dado momento sócio-histórico. Ao apropriar-se da língua, o homem, dotado de vontade e de intenção, constitui a sua subjetividade na interação com o outro pela manifestação concreta da linguagem, em enunciados escritos ou orais. Neles, o sujeito enunciador deixa marcas da enunciação que refletem, não só o contexto de produção histórica daquele enunciado, mas também o modo como o indivíduo representou esse momento. Por essa razão, toda ação da linguagem apresenta traços sociais e individuais no processo comunicativo, e todo sujeito tem uma dimensão social e compartilhada, além de uma dimensão individual, resultante de suas experiências pessoais.

Assim, toda comunicação abarca uma dimensão psicossocial da ação dialógica entre sujeitos. Nela nos tornamos, a um só tempo, eu e nós, sin-

gulares e plurais, individuais e sociais. Somos, pois, agentes transformadores do mundo pela linguagem. Nesse sentido, dizer é agir. O produto dessa ação, que se apresenta em língua sob a forma de enunciado, é designado ato de fala. Leia o próximo item para melhor entender como se caracteriza o ato de fala.

DA AÇÃO AO ATO DE FALA

Toda ação implica processo e passa a ser produto quando se realiza lingüisticamente, sob a forma de enunciados, os quais representam atos de fala.

Para Austin (1990), dizer algo equivale a realizar três atos simultâneos: um ato locutório, um ato ilocutório e um ato perlocutório. O ato locutório constitui-se pela produção de determinados sons (ato fonético), organizados em palavras e dotados de uma estrutura sintática (ato fático) em condições de expressar um sentido e uma referência (ato rético). Os atos ilocutório e perlocutório são atos parciais. O primeiro é explicável mediante a fórmula performativa e reflete a intenção com a qual o falante enuncia a locução. O segundo expressa os efeitos causados sobre os sentimentos, pensamentos e ações de quem escuta. Exemplificando:

João é uma criança inteligente → ato locutório

O ato locutório aponta para a organização estrutural do enunciado, isto é, sua organização fonética (ato fonético), sintática (ato fático) e semântica (ato rético).

Eu afirmo que João é uma criança inteligente ato ilocutório.

O ato ilocutório mostra o tipo de ação praticada pelo sujeito. No exemplo, a ação performativa é a de afirmar algo a alguém. Esse ato é centrado naquele que fala (eu); já o ato perlocutório é centrado naquele com quem se fala (tu).

Os modos como o tu poderá interpretar a informação nova que está sendo asseverada pelo eu – a saber, João é inteligente – sofrerão variações dependendo das condições de produção em que o ato de fala será enunciado.

A essas possibilidades de interpretação corresponde o ato perlocutório.

Os atos de fala também se dividem em diretos e indiretos. O ato de fala é direto quando realizado através de formas lingüísticas especializadas para tal fim. Expressões, como por favor, por gentileza, etc., são comumente utilizadas para fazer pedidos, solicitações. O ato de fala é indireto (ou derivado) quando realizado através do recurso a formas típicas de outro tipo de ato. Nesse caso, é nosso conhecimento de mundo que fará com que reconheçamos a verdadeira força ilocucionária do enunciado. Se dizemos a um amigo Está tão abafado aqui dentro!, geralmente não estamos fazendo apenas uma constatação a respeito da temperatura do recinto, mas solicitando que ele faça algo para atenuar o calor, como abrir janelas ou ligar um ventilador.

Agora que definimos o conceito de ato de fala, vamos apresentar, no último item desta aula, a noção de texto como unidade de comunicação.

O TEXTO COMO OBJETO DE COMUNICAÇÃO

Nosso pensamento não se formaliza por palavras isoladas ou por frases descontextualizadas, mas por textos. Nesse sentido, quando participamos de eventos comunicativos, produzimos textos orais ou escritos. Isso nos autoriza a conceber o texto como objeto de comunicação, por meio do qual agimos socialmente.

De acordo com o que estudamos até o momento, poderíamos definir o texto como um conjunto de enunciados, que, por sua vez, representa um conjunto de atos de fala. Contudo, nem todo conjunto de enunciados constitui um texto, pois, para que isso ocorra, é necessário que haja unidade de significação. Observe que, nos três enunciados a seguir, não é possível estabelecermos uma unidade: A cama está desarrumada. O cão uiva. A grama perdeu o frescor.

Porém, se acrescentarmos o enunciado. Tudo naquela casa refletia o total abandono, conseguiremos estabelecer uma unidade de significação. Nesse caso, temos um texto.

Do mesmo modo, um texto só poderá se constituir por um conjunto de atos de fala se estiver orientado por um macroato. Dizendo de outro modo, para que um texto se constitua como unidade de significação, faz-se necessário reduzir todos os atos de fala em um macroato capaz de sintetizar a intenção geral do sujeito enunciador. Por exemplo, uma carta pessoal pode ser construída por vários atos de fala (saudação, lembrança, comentários pessoais), mas, em sua totalidade, pode sinalizar uma ameaça, um pedido, etc.

Um texto também pode se constituir por um único ato de fala. Quando lemos o texto "SILÊNCIO" no interior de um hospital, por exemplo, atribuímos a ele um valor performativo de ordem, enunciado pela voz da referida instituição. Nesse caso, o verbo performativo oculto "ordenar" é ativado na memória do ouvinte como macroato, pois supomos que ele (a) tenha um conhecimento prévio sobre as causas pelas quais, em um ambiente hospitalar, não é permitido fazer barulho.

Observamos então que o termo "silêncio" não se constitui como palavra isolada, mas como texto inserido num contexto situacional em que identificamos a fala institucional e a ela atribuímos valor de ordem e não de sugestão.

(Fonte: http://deusbibliaepoesia.files.wordpress.com).

CONCLUSÃO

Agora que você já estudou alguns conceitos que explicam o funcionamento da linguagem em situações de comunicação, torna-se mais simples entender que o homem age sobre o mundo pela ação da linguagem. Nesse movimento, o homem não só significa, mas também ressignifica o mundo em que vive.

(Fonte: http://i199.photobucket.com/albums/aa40/Hallyson/grandeditador.jpg).

RESUMO

Na introdução desta primeira aula, você aprendeu sobre o lugar que ocupa hoje a disciplina Produção e Recepção de Texto no currículo de Letras. Em seguida, pôde aprender os limites da definição de linguagem como instrumento de comunicação e relacioná-la à sua mais moderna definição, que a concebe como forma de ação social. Com isso, foi possível compreender que toda ação é dotada de intencionalidade e que, portanto, não há textos ingênuos. Por fim, aprendeu que o texto é objeto da comunicação, pois esse é o modo pelo qual formalizamos nossos pensamentos.

ATIVIDADES

De acordo com o que foi exposto nesta aula, responda às seguintes questões, tentando dissertar um pouco sobre elas. Utilize, se for possível, um mínimo de 6 (seis) linhas para cada resposta:

1. Como você entende a importância da disciplina Produção e Recepção de Texto para a formação do profissional de Letras hoje em dia?
2. Por que o esquema comunicativo proposto por Jakobson é insuficiente para explicar o funcionamento da linguagem?
3. Crie duas situações de comunicação para o mesmo enunciado: A porta está aberta. Em seguida, explique quais os sentidos possíveis para esse enunciado.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Lembre-se de que você deve ser considerado como um produtor de textos e, como tal, deve ter incentivada sua verbalização por intermédio do professor, que por sua vez se concentrará na linguagem interiorizada pelo aluno. Quanto ao pensador Jakobson, sabemos que seu esquema comunicativo é limitado justamente por estar fora do uso real da linguagem em contextos sociais.

PRÓXIMA AULA

Mais adiante você aprenderá, dando continuidade ao assunto desta aula, os conceitos de texto, discurso e sujeito, relacionando-os aos processos de construção de sentidos.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, J. L. **Como hacer cosas con las palabras.** 3ª ed. Barcelona: Paidós, 1990.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de lingüística geral I.** Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luisa Néri. 4ª. ed. Campinas: Pontes, 1995.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Fundamental (1.º e 2.º ciclos). Brasília: MEC/Semtec, 1998a.

__________. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Fundamental (3.º e 4.º ciclos). Brasília: MEC/Semtec, 1998b.

__________. **Parâmetros Curriculares Nacionais:** Ensino Médio. Brasília: MEC/Semtec, 2002.